

A luta dos escravos

A noção de escravidão é bastante antiga e existiu em diversas sociedades ao longo da História. Significava um tipo de relação que se construía e se mantinha baseada na violência. Escravizar era tirar uma pessoa da comunidade em que havia nascido e se criado, mudar seu nome, separá-la da família e tratá-la como se fosse uma coisa, que podia ser comprada e vendida e sobre a qual o senhor tinha plenos poderes.

Mas os escravos não eram coisas. Eram seres humanos capazes de, mesmo escravizados, influir em seus destinos. Grande parte da pesquisa recente que os historiadores vêm realizando sobre a escravidão tem demonstrado isso. No entanto, mesmo antes dos historiadores, os senhores e os comerciantes de escravos, no Brasil e na África, já sabiam disso. Nesta aula, vamos perceber como a história da sociedade brasileira, no período escravista, foi escrita não apenas pelos senhores de escravos, mas também pelos próprios escravos.

Nesta aula

As fugas de escravos

Os anúncios de escravos fugidos estavam sempre presentes nos jornais das principais cidades do Brasil no século passado, como este, publicado no *Correio Paulistano*, em 4 de setembro de 1879.

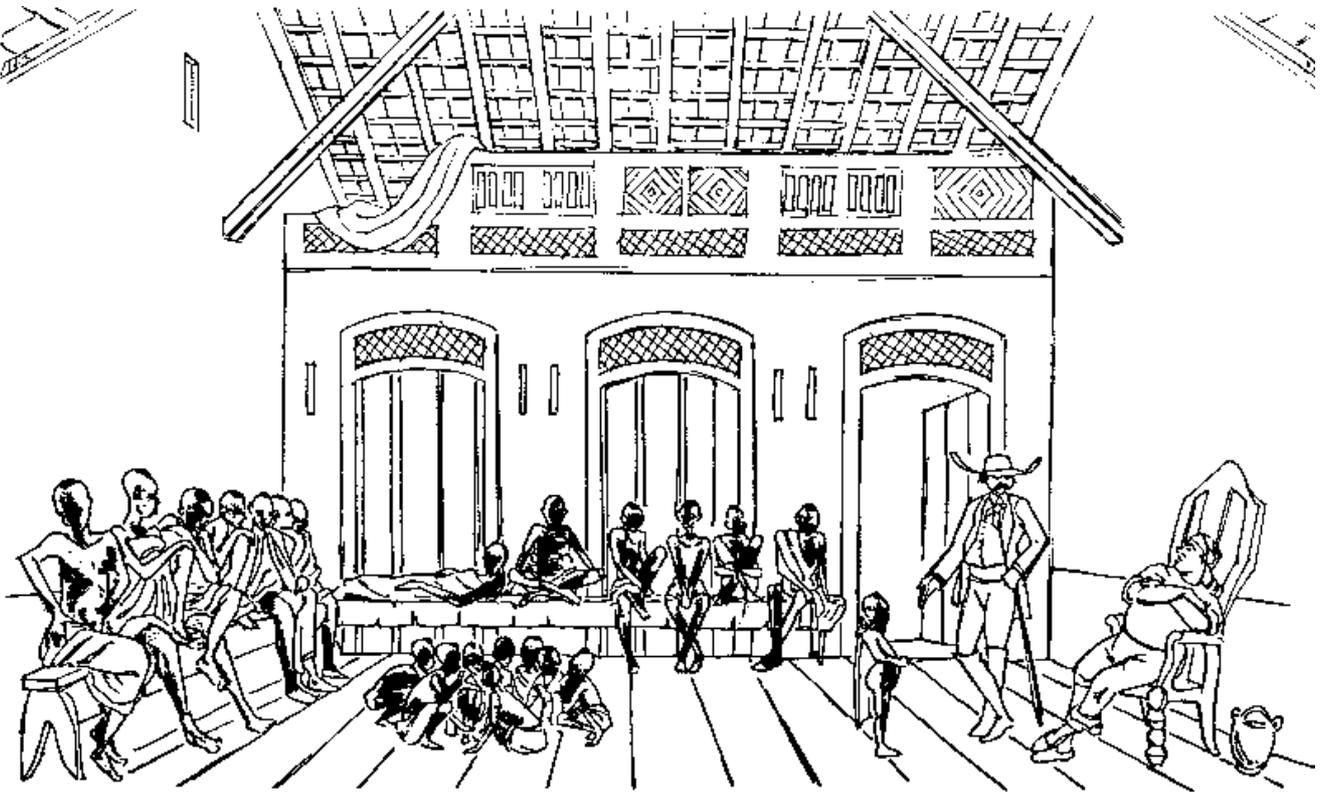
ES CRAVA FUGIDA

Da casa nº 2 da rua das Flores nesta capital, (nascida na África), fugiu a escrava Maria, com os signaes [sinais] seguintes: alta, magra, de nação, 40 a 50 anos de idade, trajando vestido e chale cor de Havana, levando um tabuleiro de doces, visto ser quitandeira. Foi vista conversando, tomando a direção de Juqueri ou a do Ó.

Essa era a forma que os proprietários encontravam para noticiar que seus escravos haviam escapado e, assim, fazer com que fossem reconhecidos e devolvidos. Muitas vezes ofereciam recompensa pela recaptura.

Segundo um antigo senhor de escravos, os cativos recém-chegados quase sempre tentavam escapar, mas se perdiam na terra estranha e eram recapturados. Esse senhor, um inglês residente em Pernambuco, recomendava que não se devia ser severo com eles, pois assim os cativos logo tentariam adaptar-se.

Para um escravo, fugir de uma fazenda significava meter-se mato adentro, numa terra desconhecida, sob a perseguição constante dos **capitães-do-mato**, indivíduos contratados pelos senhores de escravos para recuperar os cativos que escapavam. Assim como os **feitores**, que vigiavam o trabalho dos escravos nas fazendas, os capitães-do-mato sobreviviam por causa da necessidade do uso da violência para se manter a escravidão. De um jeito ou de outro, a sociedade escravista dependia de um caríssimo aparato de vigilância. Fugas, castigos, feitores e capitães-do-mato faziam parte do cotidiano dessa sociedade.



Os escravos que chegavam da África ficavam em mercados, onde eram adquiridos como uma mercadoria qualquer.

Comunidade escrava e alforrias

Era difícil escapar, mas sempre havia muitos tentando. Porém, a fuga não era a única possibilidade de reação para o africano recém-chegado. Muitos deles permaneciam nas cidades, onde era muito maior a mobilidade do escravo. Ali aumentavam suas possibilidades de juntar dinheiro até que conseguissem comprar a liberdade.

É surpreendente o número de africanos que, em apenas alguns anos, aprenderam a língua portuguesa, juntaram dinheiro, compraram a liberdade e até conseguiram fretar navios com outros companheiros e voltar para a África.



No campo, os escravos trabalhavam sem descanso, sob o olhar atento dos feitores, encarregados de vigiá-los.

Não foram poucos, entretanto, os que conseguiram criar raízes comunitárias, familiares e mesmo religiosas na nova terra. As comunidades escravas mais antigas e, especialmente os escravos nascidos no Brasil, chamados **crioulos**, aprendiam desde cedo a viver na escravidão e buscavam usar suas relações familiares e comunitárias para construir uma identidade que não estivesse baseada apenas na condição de cativos.

Não se deixar vencer era também cultivar seus deuses, executar suas danças, fazer sua comida, introduzindo sua própria cultura na cultura do dominador. O acesso a pequenas roças e a outras formas de renda pessoal alimentava também o sonho da compra da alforria. Alguns conseguiam. A possibilidade de insurreição e de fugas coletivas funcionava como pressão para conseguir uma negociação com os senhores.

Os quilombos e as cidades

Grande parte dos escravos que conseguiam fugir procurava embrenhar-se em regiões de difícil acesso. Eles entravam pelas florestas, se estavam no campo, ou iam para regiões afastadas do centro, se estavam nas cidades.

Nas últimas décadas da escravidão, as cidades haviam se tornado bem maiores e a maioria da sua população livre era composta de negros e mestiços. Um simples par de sapatos tornava-se, por vezes, o único sinal exterior pelo qual era possível distinguir os livres dos escravos. Muitos cativos passaram a simplesmente se dirigir às áreas mais populosas dos centros urbanos, confundindo-se no meio de tantos outros negros e mulatos que circulavam nas ruas, ruelas e becos de muitas esquinas e portas.

Antes disso, escondiam-se de preferência nas matas, atrás das muitas serras, onde criavam os **quilombos** - aldeias de escravos fugidos que se organizavam para garantir a subsistência e apoiar outras fugas, o que fazia crescer o grupo dos rebeldes. O poder senhorial não poderia deixar de reagir aos **quilombolas** - negros aquilombados -, organizando expedições para derrotá-los.

A capacidade de conhecer e explorar as divisões e fraquezas do poder senhorial é um traço comum aos escravos africanos no Brasil, seja quando faziam

pressão para conseguir maior autonomia dentro do cativeiro, seja quando fugiam para os quilombos, seja quando se rebelavam coletivamente contra o poder senhorial.

O **Quilombo dos Palmares** é um exemplo dessa capacidade do africano para usar, como sua maior arma, o conhecimento que conseguia a respeito da sociedade que o escravizava. Com a guerra provocada no Nordeste pelas invasões holandesas, milhares de escravos fugiram para a serra da Barriga, em Alagoas. Ali, juntaram-se a outros que, desde o século XVI, haviam se estabelecido e espalhado em pequenas comunidades da região. Vivendo em **mocambos** (aldeias), as comunidades de Palmares sobreviveram por cem anos, graças à agricultura de subsistência e ao artesanato, trocando tudo que sobrava de sua produção nos povoados próximos.

As revoltas de escravos

No final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX, a expansão agrícola na Bahia, com o açúcar, e no Rio de Janeiro, com o café, determinou uma entrada maciça de africanos em ambas as regiões.

Esse período foi marcado por várias insurreições escravas, envolvendo especialmente os recém-chegados da África.

As insurreições de escravos no Recôncavo Baiano e em Salvador se repetiram, por décadas, desde o final do século XVIII até o grande **Levante dos Malês**, de 1835. Eram insurreições planejadas, que envolviam diversos engenhos ou tentavam reunir os africanos da cidade de Salvador com os dos engenhos vizinhos. Elas aconteciam sempre em datas religiosas e festivas do calendário cristão, quando diminuía a capacidade de repressão da sociedade escravista.

Se as insurreições escravas, que marcaram o final do período colonial, exploravam as fraquezas da sociedade escravista, o poder senhorial também soube explorar as divisões no mundo dos cativos. Essas insurreições foram movimentos essencialmente africanos, que não conseguiram conquistar os escravos crioulos e os negros e mestiços que já tinham conseguido a liberdade ou que nasceram livres. Os escravos crioulos preferiam pressionar para ter acesso à alforria, na maioria das vezes por meio de compra. Recorreram até mesmo à justiça para consegui-la.



O tempo não pára

Nas últimas décadas da escravidão, a maioria da população livre do Império era composta de descendentes dos antigos escravos africanos, e as fugas dos cativos remanescentes começaram a se tornar incontroláveis. Sem o tráfico, ficava cada vez mais difícil manter por mais tempo a escravidão tal como ela funcionava no Brasil nas décadas finais do século XIX.

Relendo o texto

Exercícios

1. Releia **As fugas de escravos** e retire do texto um trecho que apresente as dificuldades que os escravos encontravam para fugir do meio rural.
2. Releia **Comunidade escrava e alforrias** e descreva as formas de resistência dos escravos.
3. Releia **Os quilombos e as cidades** e **As revoltas de escravos** e explique como sobrevivia a comunidade do Quilombo dos Palmares no seu dia-a-dia.
4. Dê um novo título a esta aula.

Fazendo a História

A História do Brasil no período colonial foi construída não apenas por senhores mas também por escravos.

Leia este documento e retire do texto dois trechos que comprovem a afirmativa acima. Comente sua resposta.

***“Tratado proposto a Manoel da Silva Ferreira pelos seus escravos durante o tempo em que se encontravam levantados [rebelados].”
(Santana de Ilhéus, por volta de 1789)***

“Meu senhor, nós queremos paz e não queremos guerra; se meu senhor também quiser, nossa paz há de ser nessa conformidade (...)

– Em cada semana nos há de dar os dias de sexta-feira e de sábado para trabalharmos para nós não tirando um desses dias por causa de dia santo; e para podermos viver nos há de dar rede, tarrafa e canoas (...)

– Os atuais feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação (...)

– Podemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça nem seja preciso licença.”

